

LACAN NO CINEMA¹

¹ Material de apoio para disciplina ministrada por Marcus André Vieira na PUC-Rio em 2005.

OS FILMES

Lavoura Arcaica

A NATUREZA: LIVRO DE GALILEU OU ESTEIO DA LEI ARCAICA? (DO ARCAICO NO VIRTUAL: A LEI DO PAI)

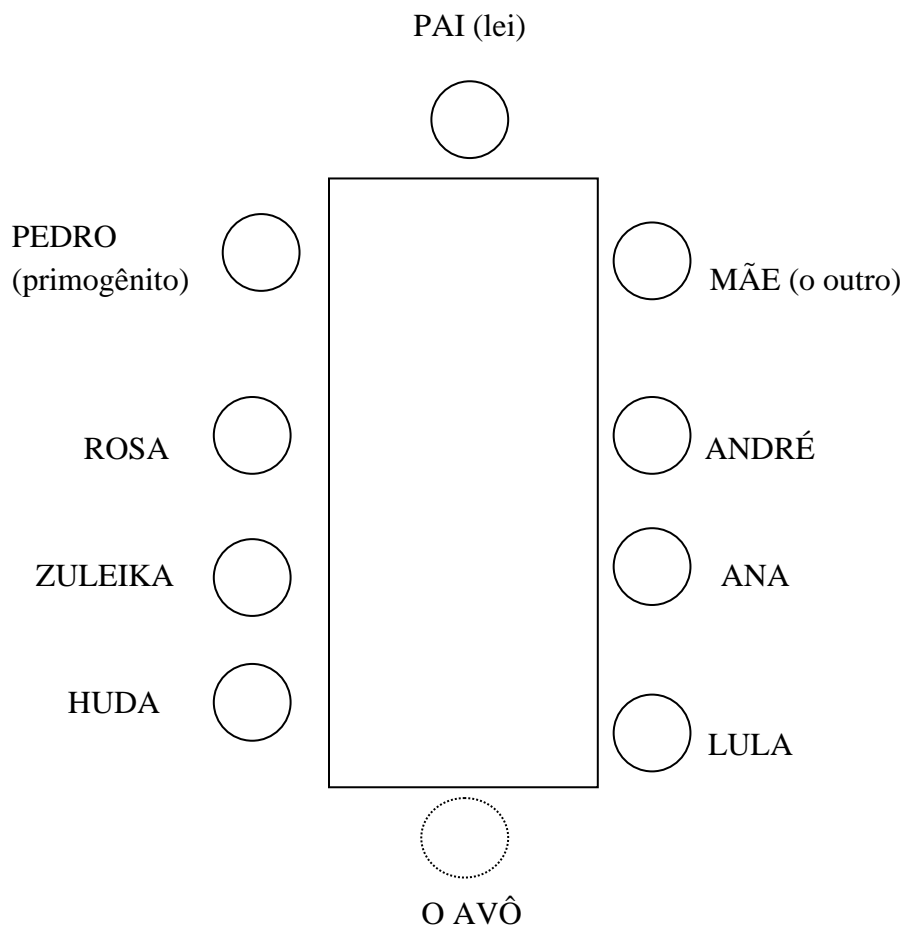
O que resta da natureza quando o mundo é virtual? A natureza? Como fica? Podemos viver sem a ilusão de uma ordem? O psicanalista não se perguntará sobre isso, mas sim, dada uma certa ordem, que lugares existem.

Nem sempre o mundo foi virtual. Ontem era denunciado como uma ilusão ideológica, construída pelos opressores. Anteontem era o lugar arcaico. A Natureza. Com a psicanálise, a natureza é produto da cultura.

Quanto mais fixo for o contexto, mais fixo parecerá ser aquele que ocupa o lugar da Lei ou, em outros termos, o lugar do pai. E no contexto em que os lugares parecem especialmente fixos é da família tradicional judeu-cristã tal como a encontramos em *Lavoura Arcaica* de *Raduan Nassar*. O pai da família tradicional irá nos dar o melhor exemplo do que é a função lei. Do mesmo modo, a mãe e o filho da família tradicional serão aqueles que melhor encarnam o outro.

A família de *Lavoura Arcaica* é uma família tradicional libanesa do interior de São Paulo dos anos 1930-1940. Nesta família existe um pai que é o típico pai, ou seja, um sujeito calmo, austero que acredita na força do trabalho e que acredita que as coisas são o que devem ser, pois, tal é a vontade de Deus. Para esse pai, a ordem do mundo flui a ritmo bem específico, como e com o tempo. Esse jeito de ser pai aparece em seus discursos, em seus sermões. A partir disto temos a mãe e os sete filhos que, junto ao pai, tem na mesa, um lugar e uma ordem preestabelecidos.

Eram esses os nossos lugares a mesa, na hora das refeições, ou na hora dos sermões. O pai a cabeceira. A sua direita, por ordem de idade vinham primeiro Pedro, o primogênito, seguido de Rosa, Zuleika e Huda. A sua esquerda vinha a mãe. Em seguida eu, Ana e Lula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes. Já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco, talvez funesto pela carga de afeto. (...) Podia-se, quem sabe, dizer que a distribuição dos lugares na mesa definia as duas linhas da família. O avô, enquanto viveu ocupou a outra cabeceira. Mesmo depois de sua morte, que quase coincidiu com a nossa mudança da casa velha para nova, seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia.¹



Os quatro rebentos da direita eram exatamente como o pai. Os da direita, mais parecidos com a mãe, mais afetuosos e sentimentais, apaixonados ansiosos e nervosos, eram os mais estranhos, os perturbados, sendo André o mais estranho de todos.

A família aparece como exemplo privilegiado para discutirmos essa noção de estrutura. É por um lado privilegiada por sua relativa simplicidade: uma mãe, um pai e um filho. Por outro, aparece como primeira matriz na qual nos encontramos inseridos. Na família, ao nascer uma criança, lhe é atribuído um nome, um lugar (na ordem dos filhos, por exemplo) e espera-se dela uma série de comportamentos que a priori, parecem ser comportamentos típicos. Se a criança agir exatamente como se espera que haja, não existiria diferença entre ela e essa estrutura que procura defini-la. Ela será só mais um embrião, idêntico a um milhão de outros, todos reflexos daquilo que é a Matrix.

No entanto, nunca agimos exatamente como é esperado de nós. Em algum lugar a criança vai se ser um pouco estranha, um pouco diferente. Existe algo em nós, algo aparentemente mais interno, mais essencial e mais nebuloso também que a estrutura não consegue nomear e absorver. Nem tudo em nós é dado pela cultura e o Outro (laciano) não consegue dar conta por inteiro daquilo que somos. Parece existir no mais íntimo de nosso ser um ponto

de interrogação onde temos certeza de que algo ali, embora estranho, seja realmente somente nosso. O problema é que esse ponto de interrogação não nada mais do que isso. Ele é apenas algo estranho, sem muita forma, nome e ou sentido. O que ocorre então é que, sendo viva e dinâmica, a matriz vai tentar se apropriar e absorver esse algo estranho tentando atribuir-lhe um nome e um lugar.

O choro de um recém-nascido ilustra bem isto. Ao ouvir seu filho chorar, a nova mãe pode não saber o que o filho quer. Esse choro aparece para mãe como algo estranho ao qual não consegue atribuir sentido, podendo causar-lhe uma certa angústia. Entra em cena então a avó (ou a tia ou a prima ou qualquer outra pessoa ou coisa que afirma ou a aparenta “saber”) e revela (sugerindo, por exemplo, que se trata de fome, frio, ou sono) à filha o motivo do choro da criança. Radicalizando o exemplo, essa avó venha talvez a contar a filha que quando ela filha era pequena, ela costumava ser posta de cabeça para baixo e que naquela família era esse o costume. Desse modo, a matriz (familiar) apropria-se desse algo estranho, o nomeia e o provê de sentido. Mas se algo desse estranho parece ser explicado, aliviando assim a angústia da mãe (ou do sujeito em análise), sempre sobrar um resto inexplicado e inexplicável.

Retomando aos lugares na mesa, temos quatro lugares. O do pai, (que é o de Pedro, Rosa, Zuleika e Huda,) que é lugar daquele que traz os segredos, que explica e ensina, que ajuda e sabe. Temos em seguida o lugar da mãe, (que também é o de André, Ana e Lula) e enfim o do Avô. Este morreu. Este não diz nada e é o ponto cego dessa estrutura que é a mesa. Ele se encontra no lugar do estranho. Existe algo nessa família algo estranho, algo incompleto, algo que está presente sem estar positivamente presente. Esse avô diz a mesma coisa que o pai, ele se confunde com ele. Enquanto as coisas estiverem assim, enquanto cada um obedecer a ordem preestabelecida, tudo está bem, tudo funciona. Temos aqui uma família equilibrada, exemplar e perfeita. Com suas diferenças todos são sérios e todos trabalham. Embora existam aqueles mais afetivos que parecem resistir um pouco ao pai e aqueles mais racionais, que por sua vez, fazem, aceitam e concordam com tudo que o pai prega, a família se mantém como tal, pois o estranho não aparece. Enquanto o estranho ficar calado e dele nada for dito, enquanto o discurso não passar por ele, a família se encontra em paz e em harmonia com os sermões e orientações do pai. As perturbações virão quando do lugar estranho, algo for dito, quando aquele silêncio do avô, silêncio esse que parece consentir com o discurso do pai, que Lacan também chama de discurso do mestre, for substituído por uma voz discordante e desafinada.

Essa família é uma matriz, viva e dinâmica. Em seu seio o lugar fixo é do pai. Os outros são mais flexíveis, mais móveis. Desde que eles não se afastem demais do lugar que lhes foi designado de antemão, eles estão livres de se manifestarem como quiserem. Pedro e André brigam. O lado da esquerda diverge do direito. No entanto, todos admitem e se reconhecem como filhos de um mesmo pai. Até mesmo a mãe que de fato carrega algo de estranho nela, é incorporada na matriz. Ela é justamente aquilo que o pai pode e vai aceitar como estranho, pois o estranho dela já não é tão estranho. Ela é mulher, ela tem períodos, ela carrega nela uma certa loucura inerente a todas as mulheres etc. Para o pai que prega o

discurso do equilíbrio, a mulher se encaixa neste, pois faz parte para o equilíbrio do mundo que existam seres mais passionais. O papel da mãe nesse livro e ser exatamente o que ela é, ou seja, a que dá carinho, a que chora, a que se desespera.

Existe em nós algo que nos diz quem somos. Esse algo organiza e explica o mundo. Também em nós existe algo um pouco estranho, que sente e se emociona, algo que sofre e chora. Se eu conseguir esquecer e ignorar que algo realmente estranho existe em mim, eu estou bem. O equilíbrio meu do meu mundo se mantém a salvo.

O ESQUEMA L E O ÉDIPO

Esse esquema aparece logo nos primeiros tempos do ensino de Lacan² nos anos 50 e um momento chave onde ele o utiliza é no *Seminário 2*³. As letras utilizadas por Lacan são: *A* (*Autre*) para designar o grande Outro, que de certa forma é a matriz, se afastando do que é mais conhecido ao eu e sendo encarnado por todo aquele que pode ser o portador de uma novidade surpreendente; *a* (*autre*) para o pequeno outro, de onde não partem grandes surpresas. Os papéis são dinâmicos, ora encarnados por uns, ora por outros, lembremos, pois, que isso denomina funções que comportam tais mudanças e não concernem de forma fixa a determinadas pessoas. Desta forma, não dá para dizermos quem “é” o grande Outro, por exemplo, caso contrário não seriam os lugares que nos importariam, e sim a essência de cada um.

Como já nos detivemos na ideia da matriz e da estrutura, utilizaremos para navegar nestas o esquema desenhado por Lacan. E os marcos de navegação que nos guiam são muito mais dinâmicos e virtuais que fixos.

É importante lembrar que ambas as funções, *A* e *a*, são essenciais e que Lacan, ao delimitar o grande e o pequeno outro, não quis atribuir juízos do tipo “esqueçamos do pequeno outro”. Centrando-nos mais na função do *outro*, este se presentifica mais no cotidiano e ele é fundamental para a constituição de um sujeito, visto que sem ele o funcionamento descrito no esquema L seria impossível. Já a função do Outro encontra-se mais desencarnada, mais virtual e por isso seu aparecimento para um sujeito ocorre de forma mais rara e marcante, possuindo efeitos importantes em uma história. Uma encarnação simples desse outro seria aquele amigo que me diz mais ou menos o que já sei sobre mim, me remetendo ao conhecido, ao nomeável, aos saberes disponíveis. Nada impede, entretanto, que tal amigo venha a me dizer coisas surpreendentes as quais eu ainda não tinha tido acesso, mas em geral ele é aquele que porta o conhecido, o familiar, o que sei como lidar. Tal mudança de papéis é plástica e dinâmica. Um pai, por exemplo, pode ora encarnar o Outro, ora o outro e ainda pode ser ambos de forma mais ou menos concomitante. Assim, se esses lugares são delimitados de forma muito fixa numa determinada pessoa, essa dimensão do estranho e do inventivo acabam aparecendo mais raramente.

Outra figura que também encarna de forma paradigmática um papel nesse eixo *a-a'*, é o inimigo. No âmbito da psicanálise o adversário e o amigo estão muito próximos nessa

perspectiva do lugar em que ocupam. A ênfase não recai numa diferenciação entre amor e ódio, como em outras formalizações teórico-clínicas, em que o primeiro é muito mais importante que o segundo. É por isso que não há uma diferença significativa para Lacan entre transferência positiva e negativa, visto que ambas designam o mesmo fenômeno. O manejo dela muda conforme o caso, mas o que importará mais será a transferência, e não seus subtipos. Se o objetivo ético maior da psicanálise é a constituição de um saber novo que reconfigure o mundo do analisante, dá no mesmo uma relação de amor ou de ódio com o analista para que essa configuração possa advir. Ambos os tipos de transferência, a positiva ou a negativa, podem resultar nesse efeito. Isso é uma formulação bem lacaniana, no sentido de que Lacan aponta que os pós-freudianos se detiveram apenas na transferência positiva, achando que seria ela que contaria. Amor e transferência, afinal, não são sinônimos. Eles podem ser usados como no sintagma amor de transferência, mas a transferência não se reduz ao amor. Deckard, por exemplo, em *Blade Runner*, aprende tanto com o Roy quanto com a Rachel. Estes eram semelhantes a Deckard, mas também figuram de forma diferente na vida dele, dizendo coisas inéditas e surpreendentes sobre sua vida. A Rachel era como Deckard, mas ao mesmo tempo existia um ponto nela que lhe era obscuro, e é por isso que ela o atrai. Ela tinha uma relação com A no tocante a falsificação de suas lembranças, que interessava Deckard profundamente. Se ela fosse apenas mais uma pessoa parecida com ele, situada no eixo narcísico de a-a', ela poderia ocupar o lugar, por exemplo, de "confidente" para ele. Mas como essa relação dela com A também concernia a ele, fazia parte do drama dele ("se as memórias dela são implantadas, por que as minhas também não o podem ser?"), eles então estabelecem algo para além da identificação imaginária. Para Lacan, o mais próximo seria também ele portador de algo estranho. Deckard encontra alguém que ao mesmo tempo em que tem a ver com ele, oferece um estranhamento ao qual ele não consegue dar nome. Para ele, esse serviço não se reduz apenas a um emprego para pagar as contas, mas há uma disposição nele que o faz ir fundo na história. Ele se envolve naquilo e não tem mais como não ir até o fim. Aparece então, de onde ele achava que nada sobre ele viria à tona, algo que o implica à história, algo que diz dele, e o mesmo acontece com a Rachel.

Vamos ver com Lavoura arcaica.

Nesse jogo de lugares o que é o estranho? O que chamamos de 'estranho', vamos também chamar, se nos referirmos a Poe, Lacan ou o filme *Matrix*, respectivamente, de carta, sujeito ou Neo.

A cultura, a família e, em um primeiro tempo, a mãe, oferecem uma 'roupagem' para esse ser que vem de nascer, 'roupagem' esta que esse ser irá vestir e aceitar. No entanto, resta algo (que não se nomeia, que não é nem uma coisa) que permanece não-vestido. Esse não-vestido, não nomeável, que nem coisa é, encontra-se no real. Antes de ser mãe, esse algo nada mais é para a criança do que uma massa disforme de experiências, sensações e sentimentos estranhos. É quando a cultura começa a vestir o real que essa massa se torna

então uma ‘mãe’. Logo esse algo chamado ‘mãe’ encontra-se mais na cultura do que no real. No real não se pode individualizar nada.

Assim, a partir de tal ponto de vista, vemos que apesar de precisarem dessa massa disforme para poderem de fato existirem, as coisas se encontram na estrutura. Para a mãe, “o real é o grito da criança”, diz Lacan. Existe assim uma diferença entre ‘grito’ e ‘chamado’. O grito é quando a criança berra e ninguém sabe o que ela quer (ou se de fato quer algo), quando ninguém sabe o que é o grito, seu sentido ou seu significado. O que é que aquela criança está sentindo e precisando? Se soubermos (por exemplo, o bebê precisa de leite), o real some. Ele some nesse ‘saber’ e é coberto por um sentido. Ele passa a ser a realidade. A realidade é o real nomeado (lembrando que o real só é alguma coisa se for nomeado).

Voltando ao filme Matrix, tudo é definido pelo programa de computador. No real só existem o submarino e os embriões. Lembremos a frase de Morpheus: "bem-vindo ao deserto do real". E o que é um deserto senão um lugar onde não há nada.

Esse modo de pensar as relações (entre Eu e o estranho) é somente um instrumento para a clínica psicanalítica. Não é uma tese antropológica, biológica ou filosófica. Não se trata de definir o que é o ser humano e sim de poder fazer uso de um instrumental conceitual radical que consegue dar lugar a aquilo que há de mais estranho em cada candidato à análise. E se somos radicais no sentido da análise poder criar uma grande novidade, devemos dar um lugar igualmente radical à essa novidade. Esse lugar é o lugar da pura interrogação. Se o analista ‘souber’ e disser na análise que no fundo o analisando está querendo tal coisa ou tal outra, ele colocará sua realidade psicanalítica em cima daquele sujeito. Talvez o analisando até fique melhor dentro dessa nova realidade, mas, no entanto, não terá sido ele que deu lugar ao estranho. O objetivo da análise, pelo menos não de saída, não é de fazer com que esse estranho se encaixe, e, para isso, é preciso de uma teoria radical. Esta, não atribuindo a esse ponto estranho um sentido oculto a ser descoberto, opta por apresentá-lo como um ponto realmente desprovido de sentido.

Na vida de todos os dias, esse estranho que sobra e que a cultura não consegue absorver é necessário. Se tudo for completamente absorvido e o sujeito não for nada mais do que uma extensão da cultura, ele nada mais é do que uma máquina, algo completamente inserido na matriz, indiferenciável dela. Do ponto de vista da teoria lacaniana é preciso, para sermos humanos, que estejamos absorvidos e inseridos na estrutura, mas que ainda assim algo inexplicável subsista. E, quando esse estranho aparecer em nossas vidas e nós não soubermos o que fazer com ele, aí então nos tornamos candidatos à análise.

Lacan aproxima a realidade de uma peça ou de uma obra de ficção, onde nossos comportamentos são, até certo ponto, regidos por pactos pré-estabelecidos (regras de condutas sociais, a cultura etc.). E não basta termos laços prévios, temos também que ter nossas etiquetas, nossas roupagens. Se não vestirmos estas roupagens, nada seremos. Estas etiquetas são, de uma certa forma, o nome que damos as coisas do mundo.

O inconsciente não é feito de nada. Ele é feito daquilo que não encaixa. Este algo que não encaixa está sempre encarnado por algo. No conto de Poe, aquilo que encarna o

inconsciente é a carta. Essa carta é uma coisa. Cada um vai representar (e se relacionar) com essa coisa de um modo único e próprio.

O real do inconsciente, sendo só um vazio, é igual para todo mundo. Mas sempre projetamos alguma coisa nele reconhecendo nisso que projetamos algo de estranho. Dessa forma, o inconsciente de cada um é a forma como cada um simboliza o estranho. O inconsciente é uma virtualidade estranha na matriz. Todos têm uma relação com ela e todos a nomeiam.

Para Lacan o inconsciente não é um pensamento oculto que cada um tem dentro de si capaz de revelar quem realmente somos. Tal abordagem remete mais a uma certa interpretação psicológica do que ao inconsciente de Freud. Certas psicologias tendem a fazer daquilo que aqui chamamos real, algo com forma e nome, algo visível que pode ser encontrado. Tratar-se-ia assim de um ‘verdadeiro eu’ que uma vez encontrado resultaria no fim da análise ou do tratamento. O problema de tal abordagem é que a estrutura perde a sua dinâmica, sua flexibilidade e faz do analisante alguém, em última instância, preso ao esse seu ‘verdadeiro eu’. O real como ponto vazio permite a mudança. Falar de um ‘verdadeiro eu’ a impede.

É claro que uma análise do tipo que estamos falando tem resultados altamente terapêuticos, pois o real sem nome ou cara ou forma resulta em uma certa inconstância que angustia. Mas, segundo Lacan, uma análise com fins unicamente terapêuticos não é psicanálise e sim sugestão.

O inconsciente de Freud aparece com duas faces: a figuração do real que apareceu, e, radicalmente, a possibilidade de figurações que ainda podem aparecer. Em outros termos o inconsciente é o ponto cego e aquilo que mais perto dele se encontra.

Uma análise produz os nomes que mais próximos estão desse real vazio, fazendo então com que toda a estrutura mude. O sintoma pode adquirir sentido e o analisante pode se sentir diferente, mudado.

ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO

O enunciado, em Lacan, diz do que se conhece, o que se lê; sujeito do enunciado – o ego. Enquanto a enunciação – sujeito da enunciação – sujeito lacaniano, é sempre implícito; quando ele aparece, passa a ser conhecido e se direciona ao campo egóico. O que é explicitado daí, porta uma marca de verdade, por mais que passe a fazer parte do ego. Enunciado e enunciação encontram-se numa relação em que um parece portar mais uma verdade acerca do sujeito do que o outro. Entretanto, isso só ocorre nessa relação entre dois e quando alguém sai da sessão com algo da enunciação que passou para o campo do conhecido, neste momento, isto passa a não mais pertencer, no sentido rigoroso lacaniano, ao sujeito da enunciação. O que também não quer dizer que haja algum nome que remeta um sujeito sempre ao mais verdadeiro de si, salvo nesses momentos em que um dito, em relação ao outro, tenha o efeito evanescente de revelar algo de novo acerca de alguém. Tal relação entre um dito e outro é o que constitui o essencial, para nós, desse efeito, e não o que um qualifica em relação ao outro. Ou seja, é a incidência da enunciação sobre o

enunciado que porta um valor fundamental clínico, e não o conteúdo que ambos portam, pois assim haveria uma espécie de troca de ditos, e não a irrupção de uma novidade em quem profere um enunciado.

Imaginarizando, pode-se recorrer a relação entre André e seu pai no livro “Lavoura Arcaica”, escrito por Raduan Nassar. André revela algo do pai desconhecido até então. Ele funcionaria como sujeito de enunciação para aquela família. Os três ou quatro filhos que se encontram do lado direito, começando pelo primogênito, estão situados como sujeitos do enunciado, ressoam os valores pregados pelo pai, tudo de bom a se fazer, remetem aos seus ensinamentos, enfim, falam o que é esperado. Os outros, a começar pela mãe, dizem coisas que não encaixam, remetem ao estranho, ao que não se incorpora facilmente a família, estão do lado da enunciação. São duas posições diferentes em relação a fala.

Quando algo da enunciação passa ao enunciado, uma novidade foi dita e, ou ela é descartada por não se encaixar no que já era conhecido, ou reformulará a estrutura. Essa segunda é a via de um trabalho analítico que deseja empreender não uma mudança localizada – ou seja, satisfazer, num primeiro momento, aquele que chega na análise querendo uma resposta da ordem do saber, visando uma explicação ao que lhe acomete – mas uma experiência em que ao final não se possa delimitar com precisão onde se localizaram as mudanças empreendidas. Cabe salientar que quando a opção foi a de descartar algo que não era previsto, e que, no entanto, reverberou como angustiante, isso não “se cala” e tamponar esta angústia sem que dela possam surgir mudanças tampouco será o trabalho de uma análise.

Ao analista cabe fazer algo da enunciação passar para o enunciado, mas sabendo que a enunciação permanece, pois trata-se de um lugar, uma função. Um dado clínico de suma importância é o fato de que isso que falta falar sobre mim em um dado momento incide no dito, não ficando apenas como uma falta desencarnada durante todo o tempo. Algo do sujeito da enunciação pode alterar a gama dos enunciados, entretanto o sujeito não cessa neste ponto, ele continua a incidir em enunciados diferentes ao longo da vida, exatamente porque ele não está ligado a um conteúdo, e sim porque ele se situa como uma função. Tal efeito de verdade não decorre de se procurar e de se achar algo “lá no fundo”, ou escrito nos genes de alguém; isso se dá numa relação discursiva, relacional.

O sujeito se apresenta num certo discurso. A matriz, a cultura, prevê o que se pode dizer sobre alguém e nessa previsão ela também inclui um lugar vazio. O Outro é detentor do “tesouro de significantes”, como denomina Lacan, e qualquer um que se destaque e que apareça como vindo no lugar desse furo aparece como especial. Entretanto, tal significante não porta nenhuma distinção em si, ele não passa de um significante como outro qualquer. Essa é uma das consequências que evidenciam a herança do estruturalismo em Lacan. Legado este fundamental para o resgate do lugar essencial da fala na experiência analítica. Se acreditarmos que existem enunciados mais primitivos ou profundos do sujeito e que lá se encontra sua verdade, passamos a procurá-los, mergulhando nessa profundidade e deixamos de lado o inédito freudiano. Esta seria a saída mística apontada por Lacan, em que se acredita num Outro do Outro. A igreja, outro exemplo, seria este lugar da procura de

uma verdade sobre o sujeito que não está em sua fala, mas em algum outro lugar, em Deus, na alma... Assim, tenta-se acessar esse outro lugar no qual se crê que a verdade habite, que não no mundo. Em vez de acreditar que exista essa outra dimensão, Lacan propõe que isto é um lugar de fala, e que pode ser articulado na experiência analítica. Qualquer dito que passe por este lugar que é o sujeito do inconsciente, vai parecer portar algo de outra dimensão, vai trazer efeito de verdade. O significante que surge com este valor de verdade parece vir de um outro mundo, o mundo dos conteúdos recalcados, por exemplo, mas esse conteúdo não provém de um inefável, e sim dos significantes que já se encontravam no Outro. A fim de operacionalizar este lugar, Lacan cria o esquema L. Em seu sentido radical, o sujeito do inconsciente é sempre um potencial a dizer.

ÉDIPO ARCAICO, ÉDIPO VIRTUAL (UNIVERSALIDADE DO ÉDIPO)

A censura não é algo recalcante que impede o aparecimento de um grande proibido sexual da infância que não pode aparecer de jeito nenhum. Trata-se de um processo de impedir o aparecimento explícito de mais de um elemento que vai vir complicar uma ordem preestabelecida, dificultando assim seu bom funcionamento. A censura é aquilo que na matriz faz com que o estranho seja, no momento, ignorado, deixado de lado para mais tarde.

Aquilo que a censura deixa de lado e que encarna o real não está fora da estrutura, nem em um lugar de difícil acesso, fechado e escondido. Pelo contrário, este estranho está sempre presente, sempre no meio, mas ocupando o lugar do não dito. E ocupando este lugar, ele aparece como tendo algo muito interessante a dizer.

A estrutura está onipresente, dentro e fora de nós, e as funções ou lugares desta estrutura são mais ou menos fixos. Os que ocupam tal lugares ou funções é que são móveis.

Tomemos a função materna, por exemplo, também mais ou menos fixa e desempenhada por uma série de coisas. Nada garante que uma mãe ocupe a função materna. Não é preciso ter leite para ser mãe. Aliás, não é preciso nem mesmo ser mulher para ser mãe. Essa função pode ser muito bem desempenhada por um pai, um tio, um irmão etc. O que define uma função é a relação daquele que a ocupa com o estranho. Lacan define três posições a partir do lugar do estranho (e não de fora para dentro). Na carta roubada de Poe, o que define a posição do rei, do ministro e da rainha é a relação que cada um deles estabelece com a carta. O ministro e a rainha, por exemplo, na realidade, são seres completamente diferentes. Uma é mulher, o outro é homem, uma é casada com o Rei, o outro exerce uma função política etc. No entanto, naquela situação, naquele contexto e naquele momento os dois são a mesma pessoa, pois ocupam, em relação ao estranho, o mesmo lugar da estrutura. Eles funcionam, pensam e agem da mesma maneira, isso porque o que os define é justamente a posição que eles ocupam na estrutura.

Existe o inconsciente, que é uma virtualidade, uma potência e algo estranho e existem lugares diferentes com relação a esse inconsciente. Estes são definidos a partir das diferentes maneiras com as quais se relacionam e lidam com inconsciente. Existe na matriz

uma infinidade de lugares, de papéis, sempre em construção. Quando Lacan propõe três lugares fundamentais, estes são apenas uma redução representativa do total de lugares que permite a montagem e a discussão da teoria que por sua vez vai permitir ao analista trabalhar. Os três lugares fundamentais são tão básicos que nunca ninguém vai ocupá-los exclusivamente. Todos nós temos simultaneamente uma multidão de papéis. Por isso somos o que somos, múltiplos, ricos e dinâmicos. Por isso a dificuldade e a impossibilidade de definir o ‘eu’ por inteiro.

Para ilustrar esses lugares escolhemos personagens que, por tanto se identificar a um desses lugares, parecem ter um único e só papel. No entanto, lembremos que na vida de todos os dias, todos carregamos em nós todos os lugares, todos os papéis, fazendo com que, em função do contexto e da situação, circulemos por todos eles.

¹ Nassar, 1935/1989, p. 124.

² Joel Dor faz referências a ele, chegando a situá-lo num contexto histórico. Cf. Dor, J. A alienação do sujeito no Eu – O esquema L – A forclusão do sujeito, in: “Introdução a Leitura de Lacan”, Artes Médicas, 1992, p. 121 e seguintes. Procuraremos aqui efetivar uma apropriação de tal esquema mais no sentido de uma ferramenta clínica na qual exercitaremos algumas funções, portanto remetemos o leitor a obra citada a fim de lá encontrar uma contextualização um pouco mais satisfatória do esquema no ensino de Lacan.

³ Lacan, J. “O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”. Rio de Janeiro, JZE, 1985. O esquema L perpassa todo o seminário, mas uma das lições em que ele aparece é na XIX, intitulada Introdução do grande Outro.